

# COMUNICAÇÃO



*Esta seção analisa as principais notícias sobre Lula e Bolsonaro que mobilizaram as redes sociais em 2019, os temas destacados ao longo do ano pela imprensa internacional e o posicionamento editorial da imprensa tradicional a favor das reformas, em coro com o projeto neoliberal de aniquilação dos direitos sociais e sem espaço para o contraponto.*

## **Lula x Bolsonaro: a cobertura em blogs, portais e sites**

É inegável que nas redes sociais online dois atores políticos polarizam os debates: Lula e Bolsonaro. Esse poder mobilizador e de engajamento controlado por ambos é observado, na prática, quando são analisados números de engajamento no Facebook e até mesmo o volume de artigos e publicações feitas em blogs e portais durante o ano de 2019 com ênfase nos respectivos nomes.

Para se ter uma ideia, do dia 1º de janeiro até 8 de dezembro o nome de Jair Bolsonaro esteve ligado a 603 mil artigos em sites, blogs e portais, que geraram mais de um bilhão de compartilhamentos nas redes sociais online. Já Lula teve seu nome ligado a

168 mil artigos, que geraram mais de 287 milhões de compartilhamentos no período.

O destaque, em ambos os casos, fica com o portal UOL/*Folha*, que gerou para Bolsonaro mais de 63,9 milhões de shares, o que talvez explique – em parte – todas as ofensivas de Bolsonaro e seu governo contra o editorial do jornal. Já Lula, ainda que tenha recebido maior volume de compartilhamentos vindos das publicações desse portal, ficou abaixo, com 23,9 milhões de shares.

Na sequência, Bolsonaro e Lula se distinguem por um elemento específico: enquanto a cobertura com maior

volume de compartilhamentos sobre Bolsonaro é feita pela grande imprensa, com portais como *Exame*, *O Globo*, *G1*, *Veja*, *Estadão* e *CBN*, Lula tem grande influência de blogs de esquerda e também portais de fake news, como é o caso do *República de Curitiba* que, sozinho, gerou mais de 6,2 milhões de compartilhamentos em matérias com o nome de Lula. Outros, como *Brasil 247*, *Revista Fórum*, *DCM* e *Blog da Cidadania* também registram grande volume de shares em matérias com o nome de Lula.

As cinco notícias que mais engajaram e envolvem o nome de Bolsonaro são: Bolsonaro diz que Brasil gasta demais com educação (Yahoo, 2,5 milhões de shares), Filho de Bolsonaro propõe expulsão de estudante que depredar patrimônio público (*Globo*, 2,4 milhões de shares), Bolsonaro recupera movimentos intestinais e já pode voltar a fazer merda (*Sensacionalista*, 2,4 milhões de shares), O que tenho a oferecer é patriotismo, humildade e coragem, diz Bolsonaro no Rio (UOL, 2,3 milhões de shares) e “Trabalhador que critica patrão deveria empreender para ver como é barra pesada”, diz Bolsonaro (*Estadão*, 2,1 milhões de shares). Como se pode observar, quatro delas oriundas de grandes portais e uma com abordagem irônica/cômica sobre o governo Bolsonaro.

Já para Lula, as duas principais notícias em compartilhamentos no período são oriundas de blogs não pertencentes à grande imprensa: *Brasil 33* e *BR2pontos*. Assim, as cinco principais notícias em compartilhamentos envolvendo o nome de Lula foram: Lula está com depressão e tem crises de choro (*Brasil 33*, 2,7 milhões de shares), Lula manda recado: o Brasil ainda vai voltar a ser feliz (*BR2pontos*, 1,6 milhões de shares), Lula: “Fico preso cem anos. Mas não troco minha dignidade pela minha liberdade” (*El País*, 1,2 milhões de shares), Mensagens provam ação combinada de Moro para condenar Lula, diz defesa (UOL, um milhão de shares), Desembargador que ampliou pena de Lula assume o “Tribunal da Lava Jato” (UOL, 996 mil shares).

Observa-se, portanto, o papel das fake news contra Lula no período e dois pontos essenciais do ruído gerado entorno de Lula: a #Vazajato e as entrevistas concedidas enquanto era mantido preso de forma ilegal pela operação Lava Jato. Por fim, Lula ultra-

passa Bolsonaro na cobertura da imprensa, blogs e portais apenas em uma semana durante o ano, que começou em 3 de novembro e terminou com Lula Livre. Nesse período, Lula registrou um enorme engajamento, enquanto Jair Bolsonaro despencou.

### O Brasil na imprensa estrangeira em 2019

Ao longo de 2019 os jornais estrangeiros publicaram reportagens sobre as mudanças que o Brasil vem enfrentando, negativas na maioria. Se antes era vista como “o país do futuro”, hoje a sociedade brasileira é entendida pelos veículos de comunicação estrangeiros como “fraturada”. São muitas as fraturas sociais para as quais os textos publicados no exterior chamam a atenção, tais como a violência policial e a forma como as populações periféricas são tratadas pelos governos municipais, estaduais e também pelo federal.

Repórteres e editores dos jornais estrangeiros ajudam constantemente a denunciar como o Estado brasileiro, em suas diferentes esferas, dá menos valor a pessoas que ocupam determinadas camadas sociais e localizações geográficas. Textos que utilizam mais tons de denúncia foram publicados por *The Guardian*, *Al Jazeera*, *Le Monde* e *Telesur*. O poderoso *New York Times* trabalha de forma mais relatorial, apenas informando o que ocorre. De qualquer forma, o fato de a violência das polícias militares constar nos noticiários de veículos que têm o mundo todo como campo de trabalho diz sobre a posição que o Brasil ocupa no cenário internacional. Ou seja, tradicionais influenciadores de autoridades ao redor do mundo informam que o país assassina crianças e que esse tipo de ação não é alvo de críticas do presidente da República. Ao contrário, seu silêncio é patrocinador de tais ações.

Jair Bolsonaro e alguns de seus ministros foram motivo de dezenas de reportagens durante o ano de 2019. Após o golpe de 2016, os jornais estrangeiros trataram a ascensão do neoliberalismo no Brasil como a chegada de um governo mais amigável com o mercado. Entretanto, quando Paulo Guedes assumiu o Ministério da Economia a pauta econômica sumiu das reportagens publicadas fora do país. É verdade, porém, que a aprovação da reforma da Previdência foi notícia no mundo todo, mas

na avaliação dos jornais mais especializados como o *Financial Times*, a agenda de “transformações” planejada pelo atual governo “ficou aquém do esperado” e pouca coisa saiu do papel. O *New York Times* publicou reportagem no mesmo sentido.

Em compensação, foi grande o número de reportagens e até de artigos opinativos sobre o presidente da República. Absolutamente todos os textos publicados foram críticos a Jair Bolsonaro. O “Trump dos trópicos”, como foi nomeado por diversos veículos de jornalismo, é citado até em publicações que não tratam especificamente do Brasil, mas da ascensão de políticos com aspirações autoritárias ao redor mundo.

Diferente da imprensa brasileira, que não tem memória, os jornais estrangeiros dizem constantemente que Bolsonaro é conhecido por defender ideias racistas, homofóbicas, machistas, além de ser um defensor da tortura e da ditadura militar. Os artigos sobre ascensão do autoritarismo que mencionam o presidente brasileiro tentam buscar respostas para o fortalecimento de ideais tão retrógrados. É realmente difícil compreender o que faz indivíduos se reunirem em grupos para defender a supremacia do individualismo sobre a coletividade. De fato, a contradição tem dominado o comportamento político de algumas parcelas do tecido social. O campo dos estudos da Comunicação considera que as novas tecnologias têm transformado o comportamento fazendo com que as percepções sobre o mundo e o entorno mais próximo fiquem distorcidas.

Entre os ministros do governo Bolsonaro, o mais citado em 2019 foi Ricardo Salles, responsável pelo Meio Ambiente e também pela destruição de todos os mecanismos de preservação ambiental. O jornal francês *Le Monde* e o inglês *The Guardian* são dos mais críticos a Salles. Eles apontaram que o ministro usa uma retórica absurda para distorcer a imagem do trabalho daqueles que combatem o desmatamento. O objetivo, de acordo com os textos dos jornais, é continuar com a agenda de enfraquecimento da fiscalização e permitir o avanço dos interesses do mercado financeiro. A materialização dessa agenda é evidenciada pelo crescimento do desmatamento na Amazônia, que gerou diversas publicações.

Dentro do governo federal, uma das figuras mais

ilustres da nova direita brasileira também foi alvo de intensa cobertura na imprensa estrangeira: o ministro da Justiça, Sergio Moro. Até o mês de junho, os jornais do exterior olhavam para Moro com desconfiança porque ele foi o responsável pela condenação e prisão do ex-presidente Lula que era o líder nas pesquisas eleitorais e acabou impedido de concorrer. Entretanto, depois que o jornalista estadunidense revelou as conversas entre Sergio Moro e os procuradores da operação Lava Jato, a credibilidade do ministro foi reduzida a quase zero, e a operação que ele chefiava passou a ser vista como perseguição política a Lula.

Enquanto a imprensa tradicional brasileira ignorava o peso político do ex-presidente, jornais como *The Guardian*, *Le Monde* e diversos outros veículos do mundo foram até Curitiba para entrevistar Luiz Inácio Lula da Silva. Sua saída da prisão foi noticiada no mundo inteiro, que já tinha a informação de que o ex-presidente é vítima de uma perseguição política.

### O valor de Bolsonaro para a imprensa tradicional

Entre todos os assuntos abordados pela imprensa tradicional em 2019, a reforma da Previdência certamente foi aquele que mais mobilizou esforços editoriais e defesas eloquentes por parte dos grandes grupos de comunicação. O posicionamento editorial da imprensa tradicional apenas reforça a cobertura tendenciosa realizada ao longo do ano pelos jornais em assuntos como a Previdência, com pouco ou nenhum espaço para o contraponto, já que a aprovação era estratégica para os empresários e amplamente defendida pelo projeto neoliberal.

Fica secundarizado na imprensa brasileira o desgaste da imagem do país em decorrência das desastrosas políticas ambiental, educacional e cultural, além do fato de que o Brasil é o segundo país com pior distribuição de renda do planeta, conforme revelou recente estudo da ONU.

Após a aprovação do texto no Senado, a *Folha de S.Paulo* publicou, em 3 de outubro: “Tudo considerado, a reforma não deixará de representar um passo expressivo no processo de reequilíbrio do orçamento federal. Trata-se do ajuste mais profundo da Previdência ao longo de mais de duas décadas de esforços”.

Também o *Estadão* celebrou, após defender insistentemente a reforma da Previdência em inúmeros editoriais nos últimos dois anos pelo menos, e passou a voltar sua artilharia para a aprovação da PEC paralela, como mostra o texto editorial publicado em *Notas&Informações*, no dia 11 de novembro. “A reforma da Previdência deve ser celebrada como uma demonstração de maturidade institucional do país. Feitas as contas, porém, fica claro que, mais do que o fim de uma jornada, ela é só o primeiro passo no longo caminho que levará ao equilíbrio das contas públicas. Não se trata apenas de complementá-la com as reformas administrativa e tributária, mas de prosseguir até o fim o saneamento do sistema de aposentadorias e pensões”.

E prossegue: “Enquanto isso, os estados fazem bem em não perder tempo e elaborar suas próprias propostas. Em geral, elas tendem a replicar os principais pontos da reforma federal. Entre eles, a idade mínima para a aposentadoria de servidores homens (65 anos) e mulheres (62 anos), com pelo menos 25 anos de tempo de serviço, e também a elevação das alíquotas de contribuição”.

O *Globo* foi na mesma linha, desde a apresentação do projeto, como mostra o editorial publicado em fevereiro: “A apresentação formal da proposta de reforma da Previdência confirmou a impressão, tida a partir de algumas antecipações feitas e declarações de autoridades, de que ela tem coerência e atende à necessidade, entre outras, da correção de injustiças entre os regimes de seguridade. Além, por óbvio, de sinalizar que o Estado brasileiro, caso o Congresso aprove as propostas, poderá sair da rota da insolvência em que se encontra agora, devido aos gastos previdenciários descontrolados. O que inclui toda a Federação, ou seja, estados e municípios.”

Por outro lado, a política ambiental foi o tema que mais rendeu críticas ao governo Bolsonaro, com vários editoriais destacando a morosidade do governo para reagir ao surgimento das manchas de óleo e sua responsabilidade sobre o aumento das queimadas na Amazônia, que teve seu ápice nos meses de agosto e setembro. Contudo, mesmo nos textos que criticaram o caráter nocivo do governo para o meio ambiente e a imagem do Brasil no exterior, os grupos de comunicação aproveitaram para enaltecer a eficácia de Bolsonaro na aprovação das reformas.